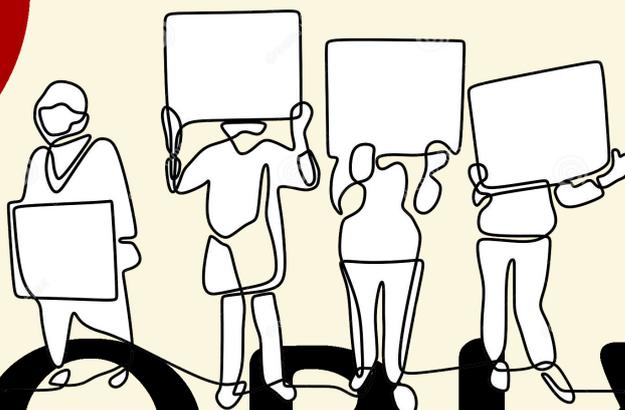


3^o encontro de pesquisa discente



APORIA

**Laboratório de
Filosofia Antiga
e Recepção da UFF**

**30/05 a 03/06/22
14h às 17h**

**UFF-Gragoatá
Bloco 0, Sala 510**

**informações
www.gfl.uff.br**



Caderno de Resumos

Aporia-UFF III Encontro de Pesquisa Discente

30 de maio a 03 de junho de 2022

Comitê Organizador

Alice Haddad (PFI-UFF)

Alexandre Costa (PFI-UFF)

Rafael Viegas (PNPD-Capes/PFI-UFF)

Sofia Paixão (FIL-UFF)

José Augusto Garcia (FIL-UFF)

Bruna Tavares Cardoso (FIL-UFF)

João Gabriel Rodrigues da Silva (FIL-UFF)

Apoio

Departamento de Filosofia – GFL-UFF

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PFI-UFF

ΑΡΟΡΙΑ

*Laboratório de Filosofia Antiga e Recepção
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

30 de Maio

13h45

Abertura. Alice Haddad (PFI-UFF) e Alexandre Costa (PFI-UFF)

14h00

Carina Nascimento Barreto da Rocha (Graduanda FIL-UFF)

O Feminino em Homero

O objetivo deste trabalho é dissertar acerca do feminino em Homero, partindo das duas principais personagens femininas da poesia épica: Helena na *Ilíada* e Penélope na *Odisseia*. A partir disso, vou utilizar o termo *queer* (que traduzo como *desvio*) para confrontar construções sociais impostas às mulheres de elite da sociedade grega. Utilizo o termo *queer* justamente para reforçar o anacronismo e relacionar o antigo com o contemporâneo. Nesse caso, Homero com a teoria *queer*, justamente por acreditar que a poesia homérica nunca deixou de ser e estar na linha mais atual do tempo. Para isso, vou percorrer as oposições entre público e privado, feminino e masculino, corpo e espaço.

Palavras-chave: Homero; Helena; Penélope; Desvio

14h30

Bruno Fernandes Santos (Mestrando PFI-UFF)

Algumas considerações acerca da divisão tripartite do *Poema* de Parmênides

Em 2010, Néstor-Luis Cordero afirmou, no seu trabalho intitulado *The doxa of Parmenides dismantled*, que a edição corrente do *Poema* de Parmênides possui um problema grave: nem todos os fragmentos considerados como atinentes às opiniões pertenceriam a elas. Nesse sentido, ele passa a criticar o estabelecimento canônico dos fragmentos em nome de uma ordenação textual coerente com o que para ele estaria de fato circunscrito às opiniões, e o que delas distinguir-se-ia. Desde então, não somente ele, mas alguns outros intérpretes, se viram obrigados a questionar a divisão tripartite do *Poema*, sugerindo organizá-lo de outras formas, ora diminuindo o que pertenceria à δόξα a alguns versos esparsos de apenas dois fragmentos (B8, 51-61 e B9, 1-4), ora afirmando que os fragmentos dedicados por Parmênides às opiniões seriam apenas B8, 51-61; B9, 1-4; B12, 1-6 e B19, 1-3. Esta apresentação analisa as razões que os levaram a propor um novo estabelecimento poético aos fragmentos da poesia parmenídea, com o propósito de colocar em discussão se a decisão editorial que resultou na divisão do *Poema* em três partes é realmente problemática.

Palavras-chave: Parmênides; Néstor-Luis Cordero; *Doxa*

15h00

Bias Busquet Guimarães (Mestre PFI-UFF)

O *Poema* de Empédocles e a *República* de Platão: a caverna ruínosa e a caverna do esquecimento

A análise comparativa entre o *Poema* de Empédocles e a obra de Platão já tem um lugar estabelecido em meio aos temas abordados pelos comentadores de Empédocles. No século XIX, Eduard Zeller (1881) compara as cosmologias dos dois filósofos, e John Burnet (1892) aponta a influência da teoria da visão empedocleana no pensamento platônico. Durante o século XX, William Guthrie (1962), Jean Bollack (1965) e José Pessanha (1965) não só abordaram a recepção da cosmologia empedocleana em diálogos de Platão, mas eles também trataram da recepção de Platão à dupla zoogonia (origem dos seres naturais), à metempsicose (transmigração da *psyché*) e à abertura ao *lógos* (discurso) do outro, que caracterizariam o pensamento de Empédocles. Nos últimos anos, Ivanete Pereira (2003), André Laks (2005), Alberto Pajares (2008), Francisco Lisi (2009), Izabela Bocayuva (2012), María Fernández (2015) e Diego Cardoso (2017) retomaram às comparações já feitas e apresentaram novas considerações entre Empédocles e Platão. Porém, a pouca atenção à recepção da imagem da caverna do *Poema* empedocleano por Platão nos admirou, tendo sido aludida por Jean-Pierre Vernant em 1965. Assim sendo, a nossa proposta concentra-se no início de uma investigação comparativa a respeito da recepção da caverna empedocleana por Platão.

Palavras-chave: Empédocles; Platão; Caverna.

15h30

José Augusto Garcia Moreira Gomes (Graduando FIL-UFF)

Há muitas coisas *deiná*, porém a potência ética é a *deinóteron*: As *Traquírias* à luz da sombra

Esta apresentação, que será o primeiro fruto (visível) da pesquisa de Iniciação Científica que venho realizando sob orientação do professor Alexandre Costa, visa a realizar uma exposição cuidadosa de certos momentos de uma das peças de Sófocles que, segundo os comentadores (como Jebb e Kitto), vem sendo a que provocou a maior variedade de ajuizamentos; desde não acreditarem ser de Sófocles, por acharem que a peça não tem a profundidade que lhe cabe (A. Schlegel), até elogios gigantescos, como o de Ezra Pound, que chega a dizer que esta peça é "o mais alto pico da sensibilidade grega registrada em qualquer uma das peças que veio até nós". A abordagem será mediada por subsídios hermenêuticos provenientes de certas perspectivas inerentes à filosofia do trágico — sem deixar de lado a materialidade dos versos da peça e as particularidades que ocorrem no texto grego —, ao passo que, apesar de estarem distantes cronologicamente, auxiliam a nos aproximar das tensões que estão nas entranhas da peça, como o *clarobscur*o tensionamento trágico entre luz e sombra que, aparentemente, nos oferece uma peculiar chave-de-leitura que nos permite um mergulho abissal n'As *Traquírias*.

Palavras-chave: Sófocles; *Clarobscurio*; Sombra; *Ethos*; *Pathos*

16h00

Discussão. Mediador: Alexandre Costa (PFI-UFF)

31 de Maio

14h00

Izabella Quarteroli Vasconcellos (Graduanda FIL-UFF)

A educação na *República* de Platão como papel formador do cidadão-político

Este projeto tem como objetivo compreender a educação proposta por Platão nos livros II e III da *República*, que trata dos guardiões e de como essa educação é responsável por formar a consciência de cidadão diretamente ligada à consciência política; e também a educação do filósofo nos livros VI e VII, que trazem a importância da educação do filósofo para futuramente se tornar o rei filósofo. Fomentando reflexões de sua teoria por meio de análise estruturada do autor, farei o levantamento das propostas de educação relacionadas com a consciência política. Partindo desta base, pretendo contribuir para o debate sobre a importância da educação como formação da consciência política dos cidadãos e colaborativa dos conhecimentos.

Palavras-chave: Platão; *República*; Educação; Política

14h30

Marllon Ramos Costa (Mestrando PFI-UFF)

Filosofia e Religião no *Fédon*

A relação do conhecimento científico-filosófico com a religião sempre parece marcada por dificuldades desde os antigos até, especialmente, a atualidade. Um dos autores que parecem estar na origem das nossas concepções de religião e ciência é Platão. Há na tradição filosófica grega uma série de conflitos entre os pensadores da pólis (incluindo aqui os sofistas e os filósofos) e a religião cívica, representada especialmente pelos poetas. Esse conflito parece remontar à própria formação da pólis e à mudança do registro do discurso de deliberação política do discurso poético-religioso, o mito, para o discurso cuja forma é a do conflito argumentativo, o *logos*. Essa mudança no modo de deliberar sobre o mundo implicou uma mudança no modo de entender esse mundo sobre o qual se delibera. Surgem, assim, em concorrência com os poetas e personalidades religiosas, figuras que tentam, a partir desse novo registro discursivo, forjar uma concepção de mundo integral. Platão é herdeiro dessa tradição e tem ele mesmo seu modo de lidar com o problema, reelaborando a compreensão

da relação entre conhecimento e a religião. Neste trabalho me proponho a mostrar como isso se dá no *Fédon*, diálogo em que esses dois tópicos recebem grande destaque.

Palavras-chave: Platão; Conhecimento; Religião

15h00

Sofia Menegat de Paula Paixão (Graduanda FIL-UFF)

Metafísica do corpo: os princípios de masculino e feminino em Aristóteles

No livro *Reprodução dos Animais*, tendo observado que os animais nascem a partir da cópula nas espécies que possuem distinção sexual, Aristóteles define macho e fêmea como “princípios de reprodução”. Desse modo, o macho, identificado com a causa motora, possui o princípio de movimento e geração e é definido como o ser que gera em outro; por sua vez, a fêmea, identificada com a causa material, possui o princípio material e é definida como o ser que gera em si mesmo e de onde nasce o ser gerado. Essas definições são feitas a partir de uma diferença de função, que, segundo Aristóteles, para serem desempenhadas necessitam de instrumentos específicos, que são os órgãos para procriação e cópula. Este trabalho tem como objetivo investigar como essa diferença é justificada nos escritos zoológicos de Aristóteles, tendo em vista a distinção que ele faz tanto dos órgãos sexuais quanto de função e como uma implica na outra.

Palavras-chave: Aristóteles; causa motora; causa material; princípio masculino; princípio feminino

15h30

Felipe Ramos Gall (Doutorando PFI-UFF)

Riso frenético em Aristóteles

É famosa a afirmação aristotélica de que o ser humano é o único animal que ri, mas pouca atenção é dada ao contexto em que ela aparece. Aristóteles fala isso do riso em seu tratado sobre as partes dos animais com um propósito muito específico, a saber: exemplificar o modo de funcionamento do diafragma (*phrénes*). Desse modo, sendo um mero exemplo dentro de um contexto maior, não há, da parte de Aristóteles, nenhuma tematização especial do riso, ou uma explicação acerca do porquê de só o ser humano rir. Contudo, a minha posição é a de que uma tal explicação não é impossível, e, portanto, gostaria de propor nesta apresentação uma tentativa de solução para esse problema, tomando passagens de outras obras do *Corpus Aristotelicum* como peças para se montar razoavelmente esse quebra-cabeça da questão do riso.

Palavras-chave: Aristóteles; riso; *phrénes*; tato

16h00

Discussão. Mediador: Luiz Felipe Bellintani (PFI-UFF)

01 de Junho

14h00

Rebeca Figueira Martins (Mestranda Fil-UFOP)

Epístola de Epicuro a Meneceu: sistema e educação

A emblemática obra de Diógenes Laércio *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* é a principal referência para o estudo da filosofia epicurista. O Livro X deste compêndio, além de preservar quatro Epístolas de Epicuro e quarenta “Máximas Principais”, possui uma biografia extensa sobre o filósofo. Nesta comunicação, apresentaremos uma sistematização da “Epístola de Epicuro a Meneceu”, que ficou conhecida como “Carta sobre a felicidade”, a fim de separar e articular alguns conceitos-chave da filosofia epicurista. Inicialmente, abordaremos o “estilo epistolar” de Epicuro para compreender como as cartas, resumos de sua filosofia, foram essenciais na construção da sociedade epicúrea, e como os membros da comunidade do Jardim foram educados através delas. Depois, apresentaremos um esquema geral dos conceitos presentes na “Carta a Meneceu”. Nela, há uma gama de ideias importantes para o sistema epicurista, como: o elogio a filosofia, o quádruplo remédio — sobre a morte, os deuses, o prazer e a dor —, a dieta dos desejos, o elogio da autossuficiência, o alcance da vida feliz, e a importância da amizade e da meditação. É com base na “Carta a Meneceu” que desejamos propor um guia ilustrativo daquilo que é a vida feliz segundo Epicuro.

Palavras-chave: Epicuro; Meneceu; carta; felicidade; sistema

14h30

Matheus Leandre Pereira Santos (Graduando FIL-UFF)

Teoria do conhecimento em Epicuro

Nesta pesquisa, investigaremos a parte canônica (sobretudo os critérios de verdade) em Epicuro, como as noções de sensação (*aísthesis*), afecções (*páthe*), antecipações (*prolépseis*) e projeção do pensamento (*epibolè tês diánoias*). Para isso usaremos as cartas e as máximas registradas no livro *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio.

Palavras-chave: Epicuro; teoria do conhecimento; Canônica

15h00

Mauro Juarez Sebastião dos Reis Araujo (Doutor PPGF-UFRJ)

Os desdobramentos do conceito de *philia* entre os epicuristas

Em *De finibus*, Cícero discorre sobre a relação entre a amizade e a utilidade na comunidade do Jardim. Segundo ele, é possível identificarmos três estágios que demonstram o processo natural de adequação da prática e do discurso epicúreo às diferentes circunstâncias que a Natureza apresentou ao *képos* ao longo de sua existência. Na referida obra do filósofo latino, o epicurista Lúcio Torquato (um dos personagens presentes no diálogo filosófico) distingue as três variantes do conceito de *philia* no Jardim. Segundo ele, a primeira (1) representaria a noção originária do termo entre os epicuristas; a segunda (2), o resultado de modificações argumentativas a partir de críticas feitas pelo Pórtico; e a terceira (3), a consolidação mediante as experiências vivenciadas no cotidiano da comunidade de amigos. A presente comunicação tem por objetivo descrever e analisar as três variações no conceito de *philia* presente no diálogo ciceroniano, independentemente de retratar, ou não, um movimento argumentativo que teria ocorrido na tradição epicurista ao longo de sua história.

Palavras-chave: *Képos*; *Philia*; Epicurismo; *De finibus*; Utilidade

15h30

Roberto Torviso Neto (Doutorando PFI-UFF)

De que si cuida o estoico

A partir da questão sobre a subjetividade estoica, colocada por Laurent Jaffro, propomos que, ainda que seja anacrônico projetar a noção de sujeito corrente na atualidade – de matriz moderna, cartesiana –, podemos encontrar na herança cultural e filosófica grega indícios de uma subjetividade própria da época. Abordaremos o tema analisando a questão da subjetividade e interioridade na tradição homérica, no socratismo (a partir da *República* de Platão) e no estoicismo de Marco Aurélio.

Palavras-chave: Estoicismo; subjetividade; alma

16h00

Discussão. Mediadora: Alice Haddad (PFI-UFF)

02 de Junho

14h00

Vithória Maria Silva Amaral dos Santos (Graduanda FIL-UFF)

A importância da ética da temporalidade no método terapêutico de Sêneca

O intuito dessa pesquisa é investigar na obra do filósofo estoico Sêneca a importância ética da temporalidade em seu método terapêutico. Para os estoicos, a paixão, ou a perturbação,

origina-se de um julgamento equivocado, isto é, de um conceito errôneo sobre dados do mundo, sendo o conceito de tempo um dos fundamentais para uma vida tranquila. Em Sêneca, a conceituação técnica do tempo é útil na medida em que por meio dela aprendemos a melhor aproveitar a vida tendo em vista a morte inalienável de cada um. Morremos um pouco a cada segundo e por isso devemos o quanto antes aprender a viver. A morte não seria algo desconhecido e futuro, mas como familiar e presente, uma vez que se convive com ela a todo instante. Portanto, há no método de Sêneca uma transposição da morte de um tempo futuro para o tempo presente. Para Sêneca, o tempo é nossa única posse, logo, há uma equivalência entre o controle do tempo e o controle daquilo que nos pertence de modo mais íntimo. Desse modo, fica nítida a preocupação de Sêneca com o tempo não só como uma questão da física, mas como uma questão moral.

Palavras-chave: Sêneca; Tempo; Morte; Método terapêutico

14h30

Yuri Hensel Fonseca Maia (Graduando FIL-UFF)

Sobre a eficácia e os sentidos da religião e dos ritos religiosos

Partindo de problemas propostos por Cícero no *De natura deorum*, e nos ancorando em estudos modernos de antropologia e antropologia filosófica, tentaremos responder, em nossa comunicação, às seguintes perguntas: O que são ritos? Os ritos possuem algum sentido? Como funcionam os ritos? Os ritos se inserem num circuito ou são pontos altos de si mesmos? Os ritos estruturam o quê? O que estrutura e sustenta os ritos e os impede de ruir? Em que sentido se fala de “eficácia dos ritos”? O que é religião? As religiões politeístas, ditas “de culto”, fazem o quê? Qual é o mecanismo elementar exigido pelas religiões primárias, as politeístas, para o estabelecimento de ligações com o divino e em que medida ele se distingue do mecanismo exigido pelas religiões secundárias, as monoteístas? O que significa dizer que a religião organiza e ordena o cosmo? A religião é uma forma de classificação social? Pode-se falar de efeitos cognitivos sociais dos ritos e da religião? Por que, ao fim e ao cabo, o homem faz coisas? E, enfim: como o ceticismo ciceroniano pode nos ajudar a pensar a religião sem que nós nos precipitemos em filosofices?

Palavras-chave: Antropologia filosófica; Cícero; politeísmo; religião; ritos

15h00

Rodiny Santos Berçot Junior (Mestre PFI-UFF)

O livre-arbítrio e o mal em Orígenes

A doutrina do livre-arbítrio consiste em um tema absolutamente central no pensamento de Orígenes. O peso que a liberdade da vontade assume na visão de Orígenes é demonstrado em primeiro lugar pelo fato de convergirem aí múltiplos problemas e instâncias, todos

intimamente interligados: da reflexão antropológica e soteriológica até a concepção de Deus e seu projeto salvífico para os homens, das questões da teodiceia, também da cosmologia. Todos estes tópicos têm como pano de fundo os intensos debates e polêmicas que Orígenes travou com algumas correntes gnósticas. Assim, Orígenes conclui que o mal não deve ser contado na criação. Tanto para Orígenes, como para Plotino, o mal é o não-ser. O resultado obtido por ambos é o mesmo, mas não se equivalem. Mostrar que o mal não foi criado por Deus é a base e o ponto de partida de sua teodiceia.

Palavras-chave: Livre-arbítrio; mal; Patrística

15h30

Bruna Tavares Cardoso (Graduanda FIL-UFF)

Narrativa Espantosa. Observações sobre um gênero para-filosófico?

Esta comunicação, continuação da pesquisa que apresentei no Aporia II, trabalhará os aspectos formais do gênero narrativo helenístico conhecido por “Paradoxografia” (reunião de casos extraordinários no contexto da *physis*): o que o caracteriza, o que o difere dos demais textos, e o léxico especializado. Serão detalhados os elementos fundamentais de composição do gênero sobre o pano de fundo de “Os Prodígios Escutados” (obra pseudo-aristotélica do século III a.C.) tomado aqui como exemplo ideal da forma paradoxográfica. Partindo deste caso, em paralelo com a tradição peripatética, será lançada uma perspectiva da postura filosófica tanto sobre a obra quanto o gênero.

Palavras-chave: Paradoxografia; Aristóteles; Espanto; Helenismo; *Physis*

16h00

João Victor Kropf Garcia (Graduando FIL-UFF)

A Matéria Divina em Plotino

Meu objetivo é apresentar a concepção de Matéria Divina, ou Matéria do Intelecto (*theía/noeté hýle*), em Plotino. O texto primário em que se encontra tal concepção é o II, 4 [12], *Sobre a Matéria*, ou *Sobre as Duas Matérias* e a apresentação se compromete em expor, de modo resumido, os aspectos principais neste tratado. Para exprimir suas características pretendo descrever como a matéria do intelecto se relaciona com o sistema metafísico de Plotino como um todo e como ela é necessária a partir dele. Para tal, tratarei de três pontos especificamente; 1) das características da Matéria Divina em contraposição à Matéria Sensível; 2) de como Plotino entende sua relação com o mal; 3) de como se dá, se for possível, sua intelecção. Portanto, me proponho apenas a apresentar a concepção de Matéria Divina e apontar sua função no sistema metafísico de Plotino referido até então.

Palavras-Chave: Matéria; Metafísica; Neoplatonismo; Plotino

16h30

Discussão. Mediador: Marcus Reis Pinheiro (PFI-UFF)

03 de Junho

14h00

Ágata Yozhiyoka Almeida (Graduanda FIL-UFF)

Reflexões sobre as imagens sonoro-musicais relacionadas com a morte: o Tártaro, as catábasis e os sons de agonia em Homero e Hesíodo

A partir dos textos *Iliada* e *Odisseia*, de Homero, e *Teogonia*, de Hesíodo, que abarcam o fundamento da escrita mito-poética da Grécia arcaica, pretendemos observar o processo de constituição de imagens sonoro-musicais que se associam às narrativas sobre a morte. Partimos da prerrogativa do carácter musical presente, e primordial, para a constituição da tradição mito-poética. Pretendemos observar, de modo específico, a descrição dos sons que ambientam o Tártaro e o Hades, bem como o modo como aparecem certas figurações de queda e descida, conhecidas como *catábasis*. Passaremos, também, por outros textos, como o "Mito de Er", do Livro X da *República* de Platão e, adentrando a era Cristã, a representação dessas sonoridades em *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Mostraremos como essas imagens sonoro-musicais, presentes desde as narrativas mito-poéticas, filosóficas e literárias, são trabalhadas em composições musicais associadas à temática da morte no século XVIII.

Palavras-chave: Morte; Sonoridade; Música; Retórica Musical

14h30

Jonathan Almeida de Souza (Doutorando PFI-UFF)

A formação da escala musical nos *Problemas XIX* de (Pseudo)Aristóteles, Questões 3, 4 e 7: divergências entre gregos e modernos

O objetivo da apresentação será demonstrar um problema interpretativo que recai sobre o pensamento acerca da formação das escalas musicais na música grega, buscando contrapor com o pensamento musical Moderno. Será uma tentativa de localizar as diferenças entre esses dois momentos históricos que, a nosso ver, só se aproximam porque ambos usam o material sonoro como elemento produtivo da arte musical. Com isso, queremos alcançar um lugar mais seguro para pensar a partir dos gregos o fenômeno da música na antiguidade. Para tanto, partiremos das informações oferecidas nos *Problemas XIX*, isto é, as notas musicais e a ideia de *harmonía* como escala, que serão também diferenciadas da ideia de harmonia e da escala musical Moderna.

Palavras-chave: Música; Escala; Harmonia; Teoria da Música Antiga

15h00

Filipe Braiman de Carvalho (Bacharel FIL-UFF)

O Lugar do *Tratado Tripartido*

Em minha comunicação, pretendo apresentar os resultados do meu TCC, que teve por objeto o *Tratado Tripartido* (NCH I, 5), levando também em conta as questões relacionadas à categorização do mesmo. O *Tratado Tripartido* é um dos exemplos de como a descoberta dos códices na região de Nag Hammadi em 1945 proporcionou o acesso a fontes até então desconhecidas e que trouxeram novas perspectivas para os estudos do cristianismo antigo. Com a análise dessas fontes, a partir dos anos 1990, alguns estudiosos propuseram uma revisão crítica da categoria “gnosticismo”, que moldava a maneira na qual o *Tratado Tripartido* e grande parte dos demais textos de Nag Hammadi eram normalmente interpretados. Dada a sua origem na literatura heresiológica antiga, o “gnosticismo” passou a ser entendido, por tais estudiosos, como uma categoria pejorativa e sem capacidade elucidativa satisfatória. Contudo, uma outra categoria mais restrita denominada “valentinianismo” continuou a ser empregada operativamente para classificar textos como o *Tratado Tripartido*. A partir de tais problemas de classificação, o meu TCC buscou expor a estrutura do texto do *Tratado Tripartido*, com ênfase na sua narrativa protológica, para então colocar questões de definição geral que permitirão, em pesquisas futuras, realocá-lo em uma discussão menos apriorística.

Palavras-chave: *Tratado Tripartido* (NHC I, 5); Biblioteca de Nag Hammadi; Gnosticismo; Valentinianismo; Cristianismo Primitivo

15h30

Rafael Viegas (PNPD-Capes/ PFI-UFF)

Para se tornar invisível. Metapoética da luz e da escuridão nos PGM (*Papiros Gregos Mágicos*)

Nas coletâneas de PGM (datadas, em sua grande maioria, entre os séculos II e VI d.C.), as propostas mágicas para tornar alguém invisível utilizam-se de nomenclaturas que remetem a referenciais visuais, à noite, à luz e à escuridão – vocabulário instrumentalizado, ainda que de maneira diversa, também pelo campo metafórico de diversas narrativas salvíficas e dualistas, neotestamentárias e helenísticas. Como o material mágico da Antiguidade Tardia, corporificado nos PGM e em outras fontes, era performatizado indistintamente tanto por “cristãos” quanto por “pagãos”, minha comunicação discutirá brevemente as singularidades dessa terminologia nessas economias narrativas e as diferenças metapoéticas de seu uso.

Palavras-chave: Papiros Gregos Mágicos; invisibilidade; luz; escuridão

16h00

Discussão. Mediador: Rafael Viegas (PNPD-Capes/PFI-UFF)